



Inovação e religiosidade no Encontro de Jovens com Cristo (EJC)

Emanuel Calebe Araújo Silva¹, Jardson Barrinha dos Santos¹, Joycelane Sousa do Nascimento²

¹Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Centro de Ciências Agrárias, Teresina, Piauí, Brasil.

²Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Poeta Torquato Neto, Teresina, Piauí, Brasil.

RESUMO

Introdução. Neste artigo refletimos sobre a construção de sentidos que os jovens encontristas elaboram em torno de suas experiências no Encontro de Jovens com Cristo (EJC). **Objetivo.** O objetivo do estudo foi compreender como a produção de sentidos religiosos em jovens do EJC da paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (PNSPS) constrói um diálogo entre a tradição católica e a inovação da evangelização. **Metodologia.** Utilizou-se da abordagem etnográfica para acessar o cenário das relações as quais as juventudes que fazem parte do EJC criam possibilidades de tecer novas posturas, relações e sentidos sobre os fenômenos sociais, sobretudo, no espaço religioso. **Resultados e Discussão.** Buscamos demonstrar como o EJC dialoga com as famílias dos jovens encontristas iniciantes, além de construírem suas identidades a partir de diálogos entre a sociedade civil ampla e as suas vivências na religião. **Considerações finais.** Os jovens interlocutores reconheceram que fazem parte de um manancial de opções religiosas que determina a diversidade desse campo. A pesquisa apontou que as famílias são importantes para a vivência da religiosidade, à medida que, ilustram a formação religiosa desde a infância ou sua negativa. Por fim, os sentidos de inovação e renovação referem-se à distância entre a ação e a tradição católica.

PALAVRAS-CHAVE: Produção de sentidos. Inovação. Autonomia. Tradição familiar.

Innovation and religiosity in the Encontro de Jovens com Cristo (EJC)

ABSTRACT

Introduction. In this article, we reflect about the construction of meanings that young “encontristas” elaborate around their experiences in the Encontro de Jovens com Cristo (EJC). **Objective.** The study's objective is to understand how the production of religious meanings in young people from the EJC Nossa Senhora do Perpétuo Socorro Parish (PNSPS) builds a dialogue between the Catholic tradition and the evangelization's innovation. **Methodology.** It was used the ethnographic approach to access the relationships scenario, from the youths who are EJC's part create possibilities to weave new postures, relationships and meanings about social phenomena, especially in the religious space. **Results and Discussion.** We seek to demonstrate how the EJC dialogues with the young beginners families, in addition to building their identities from dialogues between the broad civil society and their experiences in religion. **Final considerations.** The young interlocutors recognized that they are part of a wealth of religious options that determines the diversity of this field. The research showed that families are

Correspondência dos Autores

^{1a}ORCID: [0000-0003-4725-0528](https://orcid.org/0000-0003-4725-0528). Email: emanuelcalebearaujo@gmail.com

^{1b}ORCID: [0000-0001-6476-0103](https://orcid.org/0000-0001-6476-0103). Email: jbarrinha15@gmail.com

²ORCID: [0000-002-7846-218X](https://orcid.org/0000-002-7846-218X). Email: lane.jsn@gmail.com (Autor correspondente)

Artigo submetido a sistemas de verificação de similaridade

Submetido 23/08/2023 – Aceito 02/02/2024 – Publicado 20/03/2024

important for the experience of religiosity, as they illustrate religious formation since childhood or its negative. Finally, the meanings of innovation and renewal refer to the distance between action and Catholic tradition.

KEYWORDS: Production of senses. Innovation. Autonomy. Family tradition.

1 INTRODUÇÃO

Como um grupo de pesquisadores, dialogamos com as experiências bibliográficas e de campo que cada um de nós tem, bem como com as experiências de um participante do Encontro de Jovens com Cristo (EJC), também investigador desta incursão. O EJC é um grupo aberto para jovens entre 17 e 33 anos, que vivenciarão três dias formativos (sexta-feira, sábado e domingo) e terão intensa socialização com outros jovens. A paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (PNSPS), onde realizamos a pesquisa, é formada por cinco bairros, onde foram construídas igrejas: Bairro Poti Velho (igreja de Nossa Senhora do Amparo), Bairro Alto Alegre (igreja de São Miguel Arcanjo), Bairro Nova Brasília (igreja de São Sebastião), Bairro Itaperu (igreja da Sagrada Família) e Bairro Mafrense (igreja matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), localizados no município de Teresina, Piauí.

De acordo com as trajetórias de observações em campo, foi possível identificar que os jovens da PNSPS parecem atrair-se por um “segredo” presente no EJC, onde os jovens difundem entre si o fato de que descobrirão o segredo do EJC após participarem do encontro. Além disso, o dialeto, as roupas e a aparente liberdade dos jovens encontristas (como são chamados os jovens do EJC) fazem parte de uma linguagem em que muitos jovens se sentem identificados ou representados. Em 2020, um de nós fez uma pesquisa com a Renovação Carismática Católica (RCC), onde alguns possíveis interlocutores foram procurados para construir diálogos para a pesquisa. No entanto, estes jovens mencionaram não fazer parte da RCC, mas terem migrado para o EJC. Esta primeira interação motivou uma compreensão sobre os modos de sociabilidade do EJC, dos quais destacamos um recorte para esta pesquisa.

A construção das informações dessa investigação deu-se com um diálogo, que nomeamos “roda de conversa”, a fim de compreender os sentidos e as vivências dos jovens do EJC como sujeitos religiosos de uma época cuja individualidade e a secularização ressignificam a gestão da religiosidade sobre a sociedade (Silva *et al.*, 2008). A produção de novos significados para a religião no século XXI abre caminho para diversas manifestações religiosas, como a proteção dos sujeitos em identidades primárias religiosas, étnicas, nacionais, etc., com uma prática de fundamentalismo religioso (Castells, 1999), mas também com práticas de flexibilização da moral (Silva *et al.*, 2008).

Esta pesquisa busca compreender como a produção de sentidos religiosos em jovens do Encontro de Jovens com Cristo (EJC) da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (PNSPS) constrói um diálogo entre a tradição católica e a inovação da evangelização. Buscaremos atingir este alvo a partir da construção de um diálogo sobre a construção do objeto de estudo deste trabalho, seguido da produção de informações mediadas pelos interlocutores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Encontro de Jovens com Cristo (EJC) é um grupo de jovens católicos que tem sido marcado por um número grande de interessados, se comparado ao número de jovens católicos que buscam outros grupos, como a Renovação Carismática Católica (RCC) e Grupo de Acólitos (GA) no âmbito da paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (PNSPS). O EJC conta com cerca de 60 integrantes novos por ano (automeados “encontristas”), divididos em círculos (representados por cores), que organizam o grande número de membros em tribos menores. O estudo deste grupo permite compreender parte da

manifestação religiosa católica no Brasil, ressaltando-se o diálogo entre a Igreja Católica (IC) e o contexto secular do país.

Entre as décadas de 1990 e 2000, há importantes pesquisas sobre o catolicismo no Brasil. Em “Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural”, Sanchis (1992) afirma a amplitude de ideias conflituosas existentes no catolicismo no país. O autor assevera que o sistema cultural católico é rico e cheio de símbolos e significantes. Ao passo em que esta religião faz oferta de bens de salvação como em Aparecida do Norte, também possibilitou revoltas sociais como em Canudos e no Contestado. Nesse sentido, catolicismos – no plural – podem fazer jus a essa realidade múltipla estabelecida na IC.

Azevedo (2002) considera equivocado o projeto de formação unificado da religião católica. Azevedo assevera que “tanto a pluralidade como a diversidade são vitais para a preservação da vida em populações étnica e socialmente tão complexas como são as populações deste imenso País” (Azevedo, 2002, p. 12). Podemos verificar, na argumentação desse autor, que a religião católica no Brasil não confere poder a conceitos como pecado e culpa, céu e inferno; além disso, a devoção aos santos não funciona – de acordo com a argumentação do autor – como exemplo de moralidade, mas como “amos” (Azevedo, 2002, p. 13) que concedem desejos para o cotidiano.

Algumas pesquisas mais recentes sobre catolicismos abordam a participação de juventudes no contexto religioso. Em seu trabalho dissertativo, Sofiati (2004) pesquisou o processo de formação da Pastoral da Juventude do Brasil (PJB). A juventude da PJB se caracteriza “pelo caráter pedagógico que visa a construção da consciência de classe e a concretização da transformação social” (Sofiati, 2004, p. 74). A produção de sentido dessa juventude está relacionada à luta contra o Neoliberalismo e contra a ideia de que o ser humano fica subordinado ao materialismo, individualismo, utilitarismo e hedonismo.

Em pesquisa de mestrado, Cardoso (2017) estudou a RCC e a sua juventude com relação aos discursos papais. A autora evidencia a participação política do grupo religioso e o combate à “descriminalização do aborto, e o casamento homo afetivo”, além de combater as religiões afrodescendentes (Cardoso, 2017, p. 93). Além disso, o texto trata dos discursos da IC com relação ao controle do corpo e à sexualidade. Esses discursos estabelecem controle da sexualidade a partir da criação de limites entre o sexo saudável e santo e aquele doentio e condenável.

O discurso da RCC tem delineamento conservador à medida em que busca construir discursos restritivos quanto à sexualidade e a questões morais, procurando proteger valores que parecem estar em risco. Castells acentuou que as mudanças incontroladas do período contemporâneo provocam reagrupamentos das pessoas em “identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais” (Castells, 1999, p. 41). A RCC conquistou muitos jovens devido ao temor dessas mudanças sociais. Conforme afirma Dias (2010), esses jovens, “Inseridos num contexto de tantas opções, apelos e estímulos dos mais variados e oriundos de uma sociedade moderna e secularizada de consumo veloz e estonteante, procuram a religião de uma maneira conservadora” (Dias, 2010, p. 23).

São inevitáveis as condições conflituosas, mesmo que no campo do discurso, dentro dos ambientes religiosos, como na relação entre a RCC e a PJB. O EJC constitui-se como uma corrente que não está diretamente ligada à política de forma tão direta como nessa relação mencionada anteriormente. Mas é imprescindível que haja posicionamentos, ainda que individuais a respeito de política, mas também da produção de sentidos religiosos. O processo de secularização contribuiu para o questionamento da religião enquanto forma unívoca de explicação e proteção da realidade.

Berger (1985) afirma que secularização é o processo em que a sociedade e a cultura deixam de ser dominadas pela religião. Além da secularização política, como a retirada de áreas que pertenciam ao controle das igrejas cristãs, separação entre Igreja e Estado e expropriação de terras da Igreja, houve também uma secularização da consciência, onde “indivíduos [...] encaram o mundo e suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas” (Berger 1985, p. 119-120). No entanto, considera em outra obra que a secularização a nível de sociedade não tem, obrigatoriamente, relação com a secularização

da consciência individual (Berger, 2000). Nesse sentido, os sujeitos religiosos prosseguem construindo significados religiosos, embora não estejam necessariamente ligados à religião.

Silva *et al.* (2008, p. 684) compreendem que o processo de individualização, junto à secularização, provoca a resignificação de práticas sociais “e modifica a gestão da religiosidade sobre a sexualidade”. O texto também argumenta que, mesmo pessoas que pertencem à mesma religião, não têm uma vivência religiosa homogênea. Compreendemos que o advento da contemporaneidade constitui religiões mais dialógicas com as realidades seculares. Os sujeitos religiosos não vivem suas crenças sem modificações, mas também não deixam suas religiões em nome da secularidade. Tratando-se da religião católica, segundo a pesquisa, “Os católicos indicaram que podem viver a herança religiosa familiar sem participar mais efetivamente dos rituais e das atividades da comunidade” (Silva *et al.*, 2008, p. 686).

A apresentação desse breve quadro teórico buscou sintetizar os principais conceitos desta pesquisa. O diagnóstico de Azevedo (2002) e de Sanchis (1992) demonstra que os catolicismos presentes no Brasil não têm organização homogênea, mas manifestam-se de formas variadas. Em consonância, as pesquisas sobre juventudes católicas do contemporâneo indicam a influência do neoliberalismo sobre a religiosidade. Não encontramos pesquisas sobre o EJC, no entanto, Sofiati (2004) e Silva *et al.* (2008) fazem discussões que atravessam o campo que encontramos no referido grupo. As juventudes contemporâneas das quais recortamos o EJC, vivem em diálogos adaptativo e/ou conflituosos com o neoliberalismo, tendo seus empregos, lazeres e vida religiosa alterados pelas características econômicas.

Ademais, a pesquisa de campo ao EJC foi possível porque um dos pesquisadores faz parte do grupo. Ao passo que este pesquisador possui familiaridade com o grupo e sua autoetnografia provocou *insights*, os demais investigadores ofereceram um olhar distanciado aos interlocutores. Ressaltamos as condições sociais presentes no local de pesquisa: a PNSPS conta com cinco comunidades religiosas divididas nos bairros Alto Alegre, Itaperu, Mafrense, Nova Brasília e Poti Velho localizados às margens do rio Poty. A região paroquial (os cinco bairros) são áreas periféricas da capital do Piauí, Teresina. Além disso, os moradores da região vivem períodos de cheia do rio, que provocam alagamentos e dificuldade de acesso a algumas capelas. Ainda, a região sofre com sucessivas tentativas de desabrigo por parte do poder executivo municipal em benefício de obras que, supostamente, favoreceriam a comunidade. Essa conjuntura delineia um ambiente de muitos conflitos das quais os jovens interlocutores desta pesquisa fazem parte e levam à religião e vice-versa.

3 METODOLOGIA

Nesse tópico, pretendemos dialogar com a teoria e as produções de sentidos que os jovens encontristas constroem a partir de suas vivências tanto na RCC quanto no EJC, de modo a evidenciar novas descobertas e reflexões (Peirano, 1995). Portanto, na retomada do estudo após encaminhamentos produzidos em 2020, optamos por fazer a última reunião (até o presente momento) pela plataforma *Google Meet*, principalmente por levar em consideração os altos níveis de contágio da Covid-19, a fim de não colocarmos em risco nossas vidas e dos interlocutores. Assim, denominamos o encontro de “roda de conversa”, esta produzida a partir do diálogo entre três pesquisadores e três jovens do EJC, cujos nomes fictícios foram escolhidos de acordo com o padroeiro das suas profissões. Luísa de Marillac é protetora de assistentes sociais, Tomé, protetor dos geógrafos e de Francisco de Sales, protetor dos comunicadores. No entanto, para situar a construção etnográfica do estudo, propomos desde o início a observação participante como compromisso político-epistemológico de “aprender fazendo” e “levar os outros a sério”, como prática de correspondência de construir relações intencionalmente, para além, de dados e sistematização de saberes. Nessa perspectiva, tentamos imaginar como tornar a pesquisa uma prática artesanal (Peirano, 1995), costurando retalho por retalho, pensando minuciosamente a

“experiência criativa”, desde os possíveis interlocutores até as diferenças dos grupos à qual participavam e que sentidos produziam a partir deles.

Desse modo, pensando a respeito da familiaridade com o campo da pesquisa, o estar “em casa”, mencionamos acima que um de nós tem uma maior proximidade com o EJC e RCC e ao pensarmos sobre os limites do efeito etnográfico, a antropologia feita em casa, carece de uma reflexividade interessada. O fato de investigar algo próximo e localizado num lugar que é “familiar” não faz com que os movimentos de constituição da pesquisa sejam acessíveis. Ao contrário, a perspectiva antropológica “torna complexo o lugar-comum”, uma vez que as credenciais do(a) antropólogo(a) ou pesquisador(a) não ressaltam se ele/ela realmente está em “casa”, sendo a escrita o direcionamento de localização entre contexto social estudado e os(as) interlocutores(as) (Strathern, 2014, p. 135).

Peirano (2014) acentua que a compreensão do empreendimento etnográfico é um tanto complexa, uma vez que configura novos sentidos e significados para pensar espaço-tempo nas práticas etnográficas. Ressalta que não precisa “fazer travessias para ilhas isoladas e exóticas” (Peirano 2014, p. 379), mas estranhar o contexto e experiências a qual estamos situados e nos causam inquietações. De fato, para além da complexidade de “observar o familiar” (Velho, 1987, p. 124-127), outro apontamento dá-se em relação à escrita, quanto a autoridade etnográfica. Clifford (2002), apresenta alguns modos de autoridade etnográfica que faz/fez parte da produção e contextualização de etnografias, mas que estão sendo preteridas por orientações político-epistemológicas que situam a escrita numa perspectiva de compartilhamento com o “outro”. Assim, pretendemos aqui não “dar voz” aos interlocutores, mas construir diálogos sobre o que foi produzido em campo em relação a teoria, nossa intenção é que esse diálogo esteja presente na escrita.

O Encontro de Jovens com Cristo (EJC) foi criado com o objetivo de acolher os filhos dos casais participantes do Encontro de Casais com Cristo (ECC), cujos membros reúnem-se para dialogar sobre diversas questões formativas em um ambiente familiar e formado por círculos com poucos casais. Nessa perspectiva, o EJC tem caráter familiar. A identificação dos jovens acontece, em primeiro lugar, através do reconhecimento da família ao qual pertence cada jovem que está sendo iniciado ao grupo. As famílias foram, de acordo com as discussões, fundamentais para o cuidado com o jovem iniciante.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O mercado religioso e a construção de identificação junto às famílias

Diante da realidade de múltiplas escolhas religiosas e da redução do número de fiéis católicos, a roda de conversa iniciou-se tratando sobre os mercados religiosos. Perguntamos aos três jovens como eles compreendem a noção de mercado religioso em seu contexto. A construção de conceitos a respeito dessa categoria envolveu duas caracterizações importantes aos jovens: o mercado religioso extra eclesial e intra eclesial. Este primeiro conceito se refere à competição entre diferentes denominações religiosas, o segundo diz respeito às disputas internas do(s) catolicismo(s). Nesse sentido, Luísa de Marillac afirmou que compreende mercado religioso a partir do termo “pluralidade”.

Quando eu paro para refletir sobre esse termo “mercado religioso”, o que me vem muito forte, o que, para mim, caracteriza melhor esse termo é um outro termo que é “pluralidade”. Quando eu falo de mercado religioso, eu falo exatamente desse avanço desse nicho que é a religião. De primeiro, a gente via muito claro, né “qual é a sua religião?”. Mesmo que você não fosse aquele que fosse praticante, como a gente fala, “Ah! Eu sou católico”, porque é aquilo que estava mais a nossa disposição, eu posso dizer assim. E, se não, você era alguém que era de uma Igreja Universal, que era mais acessível, você era de um Testemunha de Jeová, que já tava ali também (Luísa de Marillac).

A afirmação da jovem encontrista assevera a facilidade ao identificar a religião de outrem. A religião católica institucional, desde o período colonial, é um órgão de governo, onde os padres foram por muito tempo servidores estatais. A força política da religião católica era fundamental para que as pessoas a considerassem, como afirmou Luísa, uma religião disponível. A construção do conceito de mercado religioso de Luísa demonstra uma dimensão extra eclesial: mesmo que outrora a religião católica tenha sido de fácil adesão, haviam religiões concorrentes. Ela continua: “hoje em dia você tem uma avalanche, você tem um número imenso de possibilidades de religiões que você pode ir lá, se contemplar, se sentir caracterizado dentro daquilo e escolher” (Luísa de Marillac), afirmando a facilidade de escolha e identificações entre as religiões.

No entanto, as escolhas, não apenas religiosas, mas de toda natureza, são direcionadas pelas socializações, principalmente primária. A família tem grande papel na escolha da religião. Como Luísa afirma: “então, às vezes você escolhe porque você vem de uma família que é quase hereditário, né?!” (Luísa de Marillac). A presença da família na biografia de Luísa foi fundamental para que ela estivesse no EJC, como veremos adiante. Com isso, a participação da família nas atividades dos seus jovens pode construir caminhos em direção às escolhas religiosas, como um mercado. Mas há também um caráter particular nessa escolha. Luísa continua:

Em outros momentos [...] você se sente contemplado por determinada religião, pelo modo de falar, pelo modo de vestir, pelo modo de cantar, pelo modo de se comportar e se sentir contemplado. Para mim, o mercado religioso é exatamente isso, esse pluralismo de possibilidades dentro da religião que contempla variados tipos de pessoas e o EJC tá dentro disso porque, de certo modo, ele abre essa possibilidade para o jovem, né? (Luísa de Marillac).

Luísa apresenta o EJC como parte do mercado religioso, que oferece possibilidades aos jovens. É importante que destaquemos um outro elemento das disputas religiosas, os conflitos internos à Igreja Católica – o caráter intra eclesial do mercado religioso. Como vimos anteriormente, há vários catolicismos, os grupos católicos têm diferentes escopos; os diferentes movimentos dos catolicismos puderam construir revoltas como Canudos, mas também puderam produzir crenças com forte apelo emocional, como as peregrinações à Aparecida, em São Paulo, à Canindé, no Ceará, etc. Nesse contexto, o EJC é um *player* que disputa com outros grupos religiosos. Os diferentes modos de se comportar, de sentir-se identificado (ou contemplado, como na expressão de Luísa de Marillac) determinam, também, campos de atuação dos diferentes grupos.

Luísa de Marillac afirmou que, com o amadurecimento, começou a perceber que “a Igreja tem lugar pra todo mundo”. A encontrista facilitadora contou que têm amigos que escolhem viver em grupos católicos de maior radicalidade, dos quais destacou “Fraternidade o Caminho” e “Maria, mãe de Deus”, em “que a pessoa tem que raspar o cabelo, tem que andar descalço, tem que botar aquela roupa”. O EJC, em comparação à RCC, manifesta-se como um grupo que oferece posições moderadas, mais aberto ao diálogo no que se refere aos debates sobre os fenômenos sociais que não estão fora dos espaços religiosos.

Tomé assinala a categorização de identificação presente no EJC a partir da fala da colega:

Acho interessante o que a Luísa de Marillac falou em questão de se identificar. Tipo, hoje em dia você é muito do grupo ali que você se identifica. No EJC, a gente vê muito isso hoje. Aí a gente tem aqueles termos “Ah, eu só ando com minha panela e aquelas outras pessoas eu nem vejo que tá ali”. Esse termo de mercado religioso me veio muito à cabeça, né? Agora no meu trabalho de conclusão de curso eu estudei muito os mercados, os comércios. E, trazendo para essa linha de raciocínio do religioso, ele entra muito nisso que o mercado quer de você é isso, que você consuma aquilo que você se identifica, que você goste (Tomé).

O jovem caracterizou mercado religioso a partir da construção de “painéis”, círculos fechados de amizades promovidas por aproximações de identidade. Recordando as experiências no campo, é preciso observar que o grupo é constituído por círculos menores, denominados por cores. Nesses círculos, os jovens reúnem-se não apenas para atividades religiosas, mas têm proximidade maior entre si em âmbitos de lazer. De certo modo, há “painéis” na organização formal do EJC. Enfim, Tomé indicou uma conceituação para a categoria “mercado religioso”: o mercado incita o consumo, promove identificação.

Contudo, o EJC é visto também, segundo a opinião dos jovens, como um grupo em que os pais recorrem para que o filho seja socializado de acordo com a religião. Luísa de Marillac afirmou que foi procurada por um casal que pediu que ela convencesse o filho a participar do grupo pois queriam que o filho tivesse as mesmas experiências que ela para que ele “andasse na linha” como ela estava andando. Luísa afirmou que: “eles queriam usar o Encontro de Jovens com Cristo como uma forma de moldá-lo, como se existisse um molde e ele tivesse como encaixá-lo e que o encontro pudesse fazer isso” (Luísa de Marillac). Nesse sentido, a participação da família estava atrelada a uma busca de coesão, onde o jovem deveria fazer uso da religião como forma de produzir um sujeito adestrado. No entanto, os jovens facilitadores afirmam que há necessidade de decisão particular em participar do grupo.

O Encontro de Jovens com Cristo não ia conseguir fazer isso. Até porque lá, o que é que nós faríamos: o Encontro de Jovens com Cristo é um processo de formação de três dias, onde ele vai te apresentar a Igreja, ele vai te apresentar Jesus Cristo, ele vai te apresentar o Espírito Santo, ele vai te apresentar a Igreja como um todo, vai te apresentar um jeito de ser jovem a partir desse contato com Jesus Cristo. E você, a partir daquela experiência, vai fazer uma decisão e vai dizer: “É, dá certo eu tentar viver assim, me encontrar. Dá certo. Eu me encontrei dentro disso e vou querer viver isso” (Luísa de Marillac).

Luísa acredita que a família tem grande participação na construção da vida religiosa dos jovens. No entanto, ela afirmou que o exemplo é fundamental para a escolha de entrar ou não no grupo. Ela contou sua experiência para ilustrar essa ideia. Ela entrou no EJC em 2005, como 15 anos de idade, estudando no ensino médio, “com pais que frequentavam o ECC e estavam ali no momento mais alto de participação dentro da igreja, eu tinha acabado de fazer a crisma” (Luísa de Marillac). Ela afirmou que estava em um contexto propício para que pudesse “mergulhar” no EJC. Luísa não esclareceu a religiosidade dos pais que a procuraram. No entanto, ela manifestou preocupação com relação aos jovens iniciantes ao EJC cujos pais não frequentam a Igreja Católica.

Já pensou você ter um jovem que os pais não frequentam a igreja, a família não tem uma experiência de religião, de missa, de diálogo, de nada. Aí você pega um jovem desse e joga dentro daqueles três dias, onde ele vai conhecer Jesus Cristo, ele vai ouvir falar de uma igreja, vai falar pra honrar pai e mãe, ele vai falar que você vai ter um diálogo com seus pais, ele vai falar que você tem que ir pra missa todo domingo, ele vai falar que você tem que viver, que vai te apresentar tudo. Como é que vai ficar a cabeça desse povo, como é que vai ficar a cabeça desse jovem. E aí, pra terminar [...] no final daquilo tudo as famílias entram pra abraçar esse jovem. E pra eu convencer a família desse jovem, que ela vai ter que tá lá na missa, no final do encontro, fazer uma carta pra ele e dizer que ama? (Luísa de Marillac).

Nesse sentido, o papel das famílias é fundamental para o ponto de vista de Luísa. A construção dos primeiros passos dos jovens do EJC necessita, de acordo com as discussões construídas na roda de conversa, de aproximações emocionais, apoio das famílias, para além das vivências desses jovens nos três dias de encontro. Francisco de Sales corroborou com Luísa de Marillac: “às vezes a gente percebe isso no rosto do familiar: ‘O que eles estão fazendo ali’, eles mesmo se perguntam. É algo estranho até pra eles”. Portanto, a competição presente no mercado religioso é favorecida pelas várias formas de identificação dos sujeitos religiosos e os modos como os grupos constroem suas ideias e sua sociabilidade, mas também como as famílias participam dos processos de inclusão dos jovens.

4.2 Inovar e renovar no EJC: processos de ressignificação

O protagonismo juvenil no EJC promove uma mudança das características do modo de vida da religião. A inovação não acontece a partir de uma revolução, como Lutero provocou ao separar-se do âmbito católico para a criação de uma nova igreja. Recordamos uma pesquisa sobre juventudes e autonomia: a pessoa religiosa é “protagonista de sua religiosidade, é o ator histórico da sua religião de escolha e emprega em seu cotidiano um sistema de crenças que foram propagadas pelas autoridades religiosas, porém, não o faz sem modificações, recriando-o para sua experiência” (Silva *et al.*, 2008, p. 684). Nesse sentido, os jovens do EJC são também protagonistas que dialogam com as regras religiosas e com suas lideranças.

Luísa de Marillac afirmou que, no EJC, os líderes, como ela, não buscam incutir regras nos jovens para que eles aceitem, “mas é aquela coisa de fazer com que, no final, o que a Igreja nos ensina, ela prevaleça e que cada um viva de acordo com sua realidade” (Luísa de Marillac). A liderança do EJC tem autonomia para construir suas visões a partir das regras que não podem alterar. É importante salientar que a realidade dos jovens é influenciadora dos processos de aprendizagem das regras católicas: os jovens têm acesso às determinações da igreja e modificam de acordo com sua visão de mundo, suas experiências.

A liderança é fundamental quando se trata do grupo de jovens estudado. Os líderes jovens buscam aconselhar-se com o padre que é seu líder maior, como assevera Francisco de Sales. O jovem afirmou que, para atualizar o regulamento do EJC a liderança jovem precisa contar com visões externas ao grupo: “A gente precisava muito [ouvir] não somente a posição nossa, enquanto jovens. A gente parou pra ouvir, em assembleias, o que os jovens queriam, né, mas também a gente parou pra ouvir o nosso pastor nessas posições” (Francisco de Sales). As diversas posições dos jovens acrescidas à opinião do pastor, o padre, fundamentam a produção de sentido dos jovens, provocando uma postura atualizada quanto às regras da Igreja Católica, no entanto, buscando não as transgredir. O sentido de inovar para o jovem Francisco de Sales, no entanto, nos chamou atenção durante a sua fala na roda de conversa:

A gente percebe: os nossos jovens, hoje em dia, eles estão cada vez mais dentro dessas questões, são mais questionadores, eles avaliam mais. Então, a gente tem que modificar também, a gente tem que se adequar. E os grupos da igreja também têm que se adequar. Não é inovar, mas renovar o pensamento. Porque a nossa Igreja não é uma democracia, é doutrinária. É uma doutrina. Então, a gente não inova, a gente renova. É algo que a gente tem que parar realmente pra pensar e ver esses pontos pra ser tratado realmente de forma bem clara, principalmente aqueles que vamos direcionar que é a juventude (Francisco de Sales).

Conforme acentuou o jovem, a visão sobre as regras da Igreja Católica é rígida: elas são doutrinas, inquestionáveis. O que há, portanto, é renovação na produção de sentido das regras. O jovem Francisco de Sales asseverou: “renovar faz sentido à metodologia que deve ser feita a evangelização”. Em outras palavras, renovar significa atribuir novas metodologias para ensinar as antigas regras, a tradição e o Evangelho. Segue o pensamento de Francisco de Sales: “inovar já se tornou imprudente quando alguém da igreja tenta modificar na liturgia, por exemplo”. O jovem distinguiu dois sentidos para a atualização: renovar é atualizar a metodologia de ensino do Evangelho; inovar significa mudar características da religião.

Nesse íterim, a experiência construída em campo demonstrou que há um paralelo feito a partir desses dois sentidos. As figuras de São Francisco de Assis e Martinho Lutero são vistas como duas formas de atualização da Igreja Católica. Enquanto São Francisco de Assis mobilizou uma mudança de vida, em que os seus jovens colegas deveriam aderir à pobreza em contraposição à riqueza da Igreja Católica em Roma; Martinho Lutero mobilizou uma mudança estrutural, em que os dogmas da religião deveriam ser questionados ou negados. A produção do sentido de renovação está atrelada à figura do primeiro, enquanto inovação está atrelada ao segundo.

Partindo dessa conceituação de Francisco de Sales, a escolha do EJC pode se dar a partir da linguagem utilizada pelo grupo. Este aspecto contribui para que os jovens se tornem pessoas envolvidas ao contexto religioso, no entanto, sem aderir totalmente à linguagem dos seus avós e pais que participam dos diferentes movimentos católicos.

E lá, no Encontro de Jovens com Cristo, eu via esse meu mundo, como eu já disse, né. Uma jovem de 15 anos, uma adolescente de 15 anos, então eu vi o que o pessoal dançava, eu vi que o pessoal brincava, eu vi que o pessoal lá falava a minha língua, eu vi o povo que tava estudando pro vestibular, eu vi o povo que tava começando essa coisa toda da vida da adolescente. Então, é assim, eu vi aquela entrega, aquele povo falou a minha língua. E de um modo muito parecido, muito próximo daquilo que eu tava vivendo (Luísa de Marillac).

A narrativa de Luísa de Marillac localiza-se antes de sua entrada ao EJC. Ela era uma jovem estudante, com anseios e questionamentos pessoais, com formas de linguagem próprias e preocupada com o vestibular. O EJC, segundo ela, transmitia-lhe os sentidos que ela vivia anteriormente: as brincadeiras, danças, dialeto combinavam com o seu estilo de vida. As experiências com o grupo foram eficazes para sua construção de sentidos, o que produziu identificação. A jovem transmitiu uma comparação que fez com a Renovação Carismática Católica – esta dialética pode indicar caminhos para que compreendamos os sentidos de adesão dos jovens especificamente ao EJC.

Quando eu cheguei na Renovação (RCC), eu já tinha meus 20 anos, já tava na universidade, já tava quase formando e aí eu cheguei [...] a Renovação (RCC) é um misto, né. Então, lá eu tenho adultos, idosos, eu tenho adolescentes, eu tenho famílias, eu tenho jovens. Então, de certo modo, eles já falam uma linguagem padrão, que contempla a todos. Então lá eles têm um jargão próprio, que às vezes a gente fica perdido no que é que eles estão falando e aí, de certo modo, vi sim, me contemplei, como por exemplo, o modo de rezar, a oração em línguas, o modo de proclamar a palavra, o modo de cantar, mas eu visualizei, dentro do Encontro de Jovens com Cristo, uma maneira mais livre de ser esse jovem de Cristo (Luísa de Marillac).

A RCC é um grupo que abrange várias faixas etárias, o que produz um modo de falar amplo. Não há um dialeto próprio para a juventude. Embora a jovem facilitadora tenha afirmado que se sentiu identificada, contemplada, pelo grupo RCC, este não parecia ser uma maneira considerada livre para viver as experiências anteriores ao grupo, como ocorreu no EJC, para Luísa.

A nossa comparação, a partir do ponto de vista de investigadores, construiu um bias em que a RCC – por ser um grupo fortemente defensor das regras da religião e por formatar uma linguagem não juvenil, especificamente – poderia ser menos atrativo que o EJC, cuja linguagem e modo de se vestir são juvenis. No entanto, a roda de conversa demonstrou que o EJC também tem um modo de construção de valores e regras, mas o faz de acordo com as pressões silenciosas da socialização:

Ao apresentarmos a igreja e já dizer que ele [o jovem] teria que ser daquele modo. Nós não poderíamos de modo nenhum. O que é que nós deveríamos fazer? Nós deveríamos fazer e deixar ele viver o Kerigma. O que é o Kerigma? A Igreja diz que o Kerigma é o primeiro anúncio. Ou seja, nós devemos anunciar. Então, o jovem chega e a gente anuncia Jesus Cristo como aquele que é salvador, como aquele que pode chegar às nossas vidas, como aquele que nos apresenta uma igreja, como aquele que nos apresenta uma religião a seguir e algo que pode nos deixar transformar a nossa vida. E algo que acontece, em alguns momentos, com um desejo de ter as pessoas próximas daquela pastoral, daquele movimento, daquele serviço, a gente já quer fazer com que a pessoa se molde naquilo que mais tarde a gente vai descobrir. Exemplo, quando eu cheguei lá, no EJC, eu fui com minha blusinha de alcinha, fui com decote, não fui nem um tanto preocupada. Quando eu cheguei lá, ninguém disse que não era pra eu ir com aquela roupa, mas eu vi que os servos que estavam nos

acolhendo estavam com uma blusa de manga, com uma blusa da igreja, com um outro tipo de roupa, tudo. No dia seguinte, eu procurei uma roupa que me adequasse ao que eles estavam vestindo e eu me senti mais à vontade porque eu já estava mais próxima do aquilo que eles estavam. E aí eu fui entendendo, naquele momento eu pensei assim, né. E aí, de certo modo, eu percebi que eu poderia ser aquilo que eu era e dentro daquilo ainda viver tudo aquilo que eles estavam me apresentando (Luísa de Marillac).

Assim, percebemos construções moralizantes com relação ao modo de viver no EJC: portanto, nossas hipóteses com base na comparação com a RCC não estavam completamente baseadas na realidade. Para o EJC, como em outros grupos da Igreja Católica, é importante que haja um código de ética e de etiqueta para que os jovens se comuniquem através das suas formas de vestir, de falar, de manifestar sua religiosidade. No entanto, a escolha pelo EJC, no caso de Luísa, deu-se a partir da linguagem própria que aderiu à sua vida antes do grupo. O diálogo entre esses “dois mundos” provocou um interesse por parte da jovem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação da experiência etnográfica com os jovens encontristas do EJC permitiu-nos apresentar três elementos de construção de sentido do grupo: 1) os jovens interlocutores apontaram que o mercado religioso proporciona a pluralidade das opções religiosas; 2) o EJC tem teor familiar; 3) o diálogo entre a autonomia e a tradição acontecem de acordo com as referências dos jovens.

O primeiro elemento, pluralidade religiosa. As conversas construídas para a pesquisa demonstraram que os jovens reconhecem as diversas ofertas religiosas presentes na sociedade contemporânea, como uma “avalanche” de religiões. Além disso, há também uma pluralidade interna à religião católica: múltiplos catolicismos. Os jovens perceberam-se integrantes de uma religião que propicia a existência de uma diversidade de modos de ser católicos, desde os grupos mais radicais, que exigem uma vida ascética, andar descalço, usar hábito (roupas próprias para pessoas que têm vida consagrada como freiras e freis), etc., aos grupos mais autônomos que não exigem formas específicas de vestir-se e de se portar em público.

O segundo elemento, teor familiar. A criação do EJC deu-se a partir de casais que vivenciaram o Encontro de Casais com Cristo (ECC), onde tiveram momentos formativos religiosos e lazeres junto a outros casais que lhes permitia viver a religiosidade e as amizades de forma conjunta. Buscando que os seus filhos seguissem o mesmo caminho, criaram o EJC, onde os filhos passaram a congregar, de modo semelhante aos pais, a vida religiosa e os lazeres. Além dessa relação de gênese, as famílias dos jovens são fundamentais para a construção da vida religiosa dos encontristas. Nesse aspecto, os interlocutores demonstraram que muitos jovens, cujas famílias não eram participantes de grupos da igreja, iniciaram no EJC. A preocupação dos jovens quanto à família ocorre pelo fato de que a presença dos parentes dos iniciados é prevista no ritual da iniciação ao último dia de encontro, mas também nos demais dias, através de cartas.

O último elemento, diálogo entre autonomia e tradição. Discutimos, na roda de conversa, sobre o pensamento dos interlocutores a respeito da inovação no âmbito da religião. Os jovens demonstraram que há um respeito às leis da Igreja Católica, mas sem que isso torne-se um engessamento da sua prática. O caminho encontrado por eles é a renovação. Para um dos jovens, renovação significa atualizar a metodologia de evangelização, enquanto inovação está atrelada ao fato de algumas pessoas alterarem questões dogmáticas. Este último termo é considerado como desobediência, que deve ser evitada.

Portanto, embora recordem as tradições familiares, seguindo os caminhos dos pais e amigos que aderiram à religião, os jovens demonstraram que podem dialogar com as regras, sem transgredi-las diretamente, mas com um exame crítico da realidade. Isto constitui um grupo preocupado com a inclusão dos diversos jovens presentes na paróquia, além de constituir-se com uma alternativa para grupos radicais, como citados ao longo da pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES. ECAS, JBS: Conceituação; ECAS, JBS, JSN: Metodologia, Software, Curadoria de dados, Análise formal, Redação – rascunho original, Visualização, Investigação, Validação; JSN: Redação – revisão e edição, Aquisição de financiamento, Administração do projeto, Recursos; ECAS: Supervisão. Todos os autores participaram ativamente da discussão dos resultados, revisaram e aprovaram a versão final do artigo.

CONFLITO DE INTERESSE. Os autores declaram que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

APROVAÇÃO ÉTICA. Não se aplica.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, T. **O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social.** Salvador: Edufba, 2002.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CARDOSO, B. D. **Religião, juventude e sexualidade: a recepção dos discursos papais no grupo de Oração semeador.** 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás-UFG, Goiânia. 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/df762c0b-8890-4ac6-98cc-3b2dde65bd3d/full>. Acesso em: 23 jul. 2019.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** Tradução de Roneide Venancio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, J. (ed.). **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 17-62.

DIAS, V. M. P. W. **Jovens da Renovação Carismática Católica em Belo Horizonte: Mãe da Igreja e Nossa Senhora Rainha.** 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP, São Paulo. 2010. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/14961>. Acesso em: 23 jul. 2019.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2019.

PEIRANO, M. A favor da etnografia. In: PEIRANO, M. (ed.). **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 31-59.

SANCHIS, P. **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.

SILVA, C.; SANTOS, A.; LICCIARDI, D.; PAIVA, V. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicologia em estudo**, v. 13, n. 4, p. 683-692, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 jul. 2019.

SOFIATI, F. M. **Jovens em movimento**: o processo de formação da Pastoral da Juventude do Brasil. 2004. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos-UFSCa, São Carlos, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1482?show=full>. Acesso em: 23 jul. 2019.

STRATHERN, M. Os limites da autoantropologia. *In*: STRATHERN, M. (ed.). **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 133-157.

VELHO, G. Observando o familiar. *In*: VELHO, G. (ed.). **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 121-132.